

# O Modernismo do Amor e da morte de Roberto Rodrigues

## *The Modernism of Love and Death of Roberto Rodrigues*

CLÁUDIO ROBERTO LIMA GUIMARÃES\*

Artigo completo submetido a 30 de dezembro de 2015 e aprovado a 10 de janeiro de 2016.

\*Brasil, animador e designer gráfico; estudante de mestrado. Bacharelado em Desenho Industrial / Programação Visual, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL). Largo da Academia Nacional de Belas Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: [claudio.guimaraes@campus.ul.pt](mailto:claudio.guimaraes@campus.ul.pt)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar a arte de Roberto Rodrigues, tendo como recorte ilustrações publicadas nos anos de 1928 e 1929, baseado em apelos do Modernismo brasileiro e em estudos de Freud sobre o inconsciente.

**Palavras chave:** Roberto Rodrigues / modernismo / modernismo no Brasil / ilustração.

**Abstract:** *The objective of this paper is to analyze the art of Roberto Rodrigues, within the cutout of illustrations published in the years 1928 and 1929, based on aspects of Brazilian Modernism and Freud's studies on the unconscious.*

**Keywords:** *Roberto Rodrigues / modernism / Brazilian modernism / illustration.*

*Tanto é belo um idílio romanesco como um crime bárbaro.  
Roberto Rodrigues (s.d.)*

### Introdução

Este artigo reflete sobre a obra do artista gráfico brasileiro Roberto Rodrigues (1906-1929), como um representante da Modernidade nas Artes Gráficas no Rio de Janeiro, através de ilustrações publicadas na década de 1920.

Nascido em uma família de jornalistas, publicou seus primeiros desenhos aos 13 anos e ingressou na Escola de Belas Artes em 1923, onde contestava e

atacava o academicismo da instituição. A partir de 1925, dedicou-se às ilustrações em revistas e nos jornais de sua família, *A Manhã* e *Crítica*, onde aos 23 anos, foi assassinado no lugar de seu pai.

A tragédia sempre esteve presente em seus trabalhos. Na revista *Paratodos* costumava ilustrar poemas e contos com seus grafismos de traços mórbidos e inquietantes, marcas de uma obra caracterizada por dois temas: o sexo e a morte.

Na revista *Paratodos*, por demonstrar uma relação mais pessoal e simbólica com os textos na criação das imagens, Roberto exibiu seus trabalhos mais gráficos, assim, optou-se pela análise dessa publicação. Seu acervo em linha, do projeto *J. Carlos em Revista* (s/d), não contém os números 481, 495, 498, 505 a 541 e 563, de 1928 a 1929, e o 577, de 1930, não sendo possível precisar a data de publicação da imagem “Elogio da Cocaína”, a qual manteve-se por ser uma das mais representativas sob o ângulo de aborgagem do artigo.

## 1. O Cronista do Amor e da Morte

Filho do jornalista Mário Rodrigues (1885-1930), Roberto Rodrigues (Figura 1) teve como irmão mais famoso Nelson Rodrigues (1912-1980), jornalista, escritor e dramaturgo, responsável, pela modernização do Teatro brasileiro. Também era irmão de Mário Filho (1908-1966), que hoje dá nome ao “Estádio Jornalista Mário Filho”, mais conhecido como “Maracanã”. Seu filho, Sérgio Rodrigues (1927-2014), tornou-se um dos mais conhecidos arquitetos e designers do país, criador da famosa “Cadeira Mole” (1957).

*A primeira coisa que se via em Roberto Rodrigues eram os olhos. Escuros, enormes, circutados por olheiras profundas e sobranceiras espessas e pretas. Eram olhos de “sompaku” – aqueles em que a íris é cercada de três lados pelo branco do olho e que, segundo os japoneses, trazem a morte violenta para quem os possui. (Castro, 1992: 72)*

Nascido em 1906, no Recife, foi o segundo de quatorze irmãos e irmãs. Durante seu curso na Escola Nacional de Belas Artes, trabalhava como ilustrador das matérias policiais nos jornais. Participou de vários salões da Escola e conquistou algumas medalhas. Lá conheceu Candido Portinari (1903-1962) – a quem a família Rodrigues ajudou nos estudos – e com sua energia juvenil reformista e o peso do jornal *Crítica*, eventualmente escrevia artigos onde atacava veementemente artistas como Rodolfo Amoedo (1857-1941), Helios Seelinger (1878-1965) e Eliseu Visconti (1866-1944).

### 1.1 A Tragédia

Apesar de ser um jornal de carácter político e de apoio ao governo, a página mais popular de *Crítica* era a policial, onde os crimes e escândalos, por vezes,

eram exagerados. Mario Rodrigues não apoiava esse desvio editorial, mas não censurava a disputa entre as editorias policial e política.

No dia 25 de dezembro de 1929 não havia uma pauta política para a primeira página. Mas, a editoria de polícia apurou rumores sobre a separação de uma mulher que traía o marido com um conhecido médico da cidade. A senhora, Sylvia Thibau, tentou em vão que colegas jornalistas suspendessem a matéria. Mas quando finalmente foi à redação da *Crítica*, a edição já estava fechada e pronta para impressão.

No dia seguinte, o jornal estampa a manchete "Entra hoje em juízo nesta capital um rumoroso pedido de desquite!", "Será o conhecido radiologista Dr. João de Abreu o causador directo da dissolução do lar daquelle seu illustre collega?", com uma ilustração de Roberto: uma mulher sentada com um médico a examinar-lhe as pernas (Figura 2).

A Sra. Thibau vai à redação e procura por Mario Rodrigues e por Mario Filho, que não estavam. Encontra Roberto, e pede para ter com ele a sós. Seu irmão, Nelson, testemunhou os acontecimentos:

*Eu estava lá. Ele estava conversando comigo e o chofer Sebastião [...], quando chegou a criatura. Perguntou ao chofer Sebastião: "Dr. Mario Rodrigues está?" Meu pai não estava, [...]. Então ela... ela foi andando até a sala da frente [...] pra ver se tinha alguém lá. Não tinha. Então voltou e dirigiu-se a ele: "O senhor podia me dar um minuto de atenção?" - Foi na frente. Ele que estava do outro lado da mesa, fêz a volta e a acompanhou. Quando entrou lá levou um tiro. [...] Eu ouvi. Quando o detetive Garcia, que frequentava a redação e estava lá, entrou com o revólver, a criatura disse: "Eu não vou fazer mais nada, vim aqui pra matar Mario Rodrigues ou um de seus filhos" (Tavares, 1974: 9).*

Levado ao hospital, Roberto morre no dia 29 e amargurado com a perda, seu pai morre 67 dias depois. Como final da tragédia familiar, um golpe militar em 24 de outubro de 1930 destitui o Presidente e, por seu apoio ao antigo governo, "*Crítica*" tem as portas definitivamente encerradas no mesmo dia.

## 2. A Semana de Arte Moderna de 1922

Em 1922, comemorava-se o centenário da Independência do país em um cenário de agitações políticas e questionamentos. Procuravam-se desde o início do século novas estéticas que pudessem libertar as artes das correntes acadêmicas europeias e caracterizassem uma Arte tipicamente brasileira, com as suas legítimas influências indígenas, africanas e europeias. Era o período do pós-guerra e na Europa vivia-se a efervescência cultural de novas experiências.

O conceito do Modernismo chega ao Brasil através do poeta Oswald de Andrade (1890-1954) que em viagem à Europa em 1912, conhece o movimento Futurista. Nas Artes Plásticas, marcam o início do movimento a exposição



**Figura 1** · Roberto Rodrigues, *Auto Retrato*. Revista *Paratodos*, nº 478 (11/02/1928). Fonte: [www.jotacarlos.org](http://www.jotacarlos.org).  
**Figura 2** · Primeira página do Jornal *Crítica* nº 346 (26/12/1929). Fonte: [www.bndigital.bn.br/acervo-digital/critica/372382](http://www.bndigital.bn.br/acervo-digital/critica/372382).

expressionista de Lasar Segall (1891-1957), em 1913, e a primeira exposição de Anita Malfatti (1889-1964), em 1917. O escritor Monteiro Lobato (1882-1948) escreveu uma crítica implacável acerca da exposição:

*A outra especie [de artistas] é formada pelos que vêem anormalmente a natureza, e interpretam-na á luz de theorias ephemeras, sob a suggestão estrabica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furunculos da cultura excessiva. São productos do cansaço e do sadismo de todos os periodos de decadencia: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedoiro.* (Lobato, 1917)

Graças à sua rispidez, a crítica serviu de estopim para a aglutinação dos jovens artistas e a organização do movimento modernista no país.

A Semana de Arte Moderna decorre em São Paulo entre os dias 11 e 18 de fevereiro, onde em cada dia destacava-se um aspeto cultural: pintura, escultura, poesia, literatura e música. Esta marcou uma verdadeira rutura com os modelos vigentes, ao apresentar novos conceitos e ideias na busca de renovação, experimentação e afirmação da brasilidade.

*De fato, ela vinha sendo incubada há tempos. Ninguém supunha é que fosse aquele estrondo. A novidade interdisciplinar era tão grande como a variedade, a ousadia e o talento dos intelectuais e artistas que reuniu. Como pôde São Paulo elucidar, no meio daquela italianada laboriosa, tanta criatividade artistica e tamanha originalidade brasileira?* (Ribeiro, 1985: 464A)

## 1. O Modernismo nos Desenhos de Roberto Rodrigues

A tragédia e a sensualidade sempre estiveram presentes nos trabalhos de Roberto Rodrigues. Em "O Estilista do Amor e da Morte", artigo publicado no jornal *O Globo* de 24 de abril de 1933, seu irmão Nelson, escreve:

*É a faúlha sensualista que lampeja a cada gesto dos tipos apresentados. Talvez mantivesse a superstição de que os sensuais são os verdadeiramente bons, os únicos capazes, não só das exaltações supremas da carne, como também de todos os belos transportes afetivos. Amam com um amor pleno, profundo, universal [...].* (Vasconcellos, 2012)

A partir da dualidade Amor-Morte, Rodrigues criou imagens de intensa sensualidade e angústia, onde apresentava o instante em que o sofrimento íntimo das personagens era trazido à tona, em uma atmosfera densa de sentimentos e simbolismos.

Pessoas para quem as crenças se perderam e suas últimas esperanças se tornam actos de desespero, onde o amor existente entre as personagens há muito já foi esquecido, e numa espécie de dança ao mesmo tempo sensual e de



**Figura 3** · Roberto Rodrigues, *Clamor*. Revista *Paratodos*, nº 576 (28/12/1929). Fonte: [www.jotacarlos.org](http://www.jotacarlos.org).

**Figura 4** · Roberto Rodrigues, *Elogio da Cocaína*. Fonte: [www.trimano.blogspot.pt/2014/06/roberto-rodrigues-o-elogio-da-cocaina.html](http://www.trimano.blogspot.pt/2014/06/roberto-rodrigues-o-elogio-da-cocaina.html)

**Figura 5** · Roberto Rodrigues, *Na Terra do Maxixe V – Faca de Ponta*. Revista *Paratodos* (08/1928). Fonte: Desenhos de Roberto Rodrigues. Cordel Urbano

despedida, corta sinuosamente a imagem, rasgando a estrutura da composição. Uma mulher se joga aos pés do artista, que tem as feições e as mãos fechadas e encrispadas em característico expressionismo, os músculos retesados como quem se prepara para desferir um golpe fatal. A mulher posiciona-se como contraponto antagônico à sua arte, o cavalete ao alto à esquerda, em um ambiente claustrofóbico, estreito e comprido, onde o ponto de escape se encontra em uma minúscula janela negra (Figura 3).

Rodrigues pode ter representado uma experiência pessoal, pois atraía amizade os olhares femininos e que teve ao menos um conhecido caso fora de seu casamento. Uma representação, talvez, de um desejo inconsciente, como nos diz Freud (1856-1939), "embora tenha permanecido latente na consciência, a representação continuou presente em nossa psique" (apud Brito, 2007: 55).

Na oposição do preto opressivo e do branco imaterial, Rodrigues nos exhibe aqui uma curiosa representação de um estado alterado de consciência (Figura 4). Facto comum na década dos anos 1920, o uso de cocaína, foi um tema abordado por ele em algumas ilustrações. Vemos aqui uma grotesca descorporificação onde a presença de três figuras semi-despidas de pessoas jovens, com seus corpos musculosos, transforma-se em uma fusão, com expressões de êxtase. O rapaz com suas asas negras – que carrega as duas mulheres que parecem beijá-lo, ou de alguma forma tentam experimentá-lo, consumí-lo – comanda aqui todo o dinamismo da imagem, levando as jovens em direção aos céus, em uma transcendência dos sentidos – "Morte e vida das hipóteses. Da equação *eu* parte do *Cosmos* ao axioma *Cosmos* parte do *eu*. Subsistência, conhecimento, antropofagia", conclama Oswald de Andrade (1990) em seu "Manifesto Antropófago" de 1928. As figuras fogem de uma realidade de emoções desprezadas representada pelo mar abaixo delas, pesado e escuro, onde só há pedras, em uma dualidade dissociativa com o espaço claro e aberto do céu, que oferece escape e fuga em todas as direções.

As criações de Roberto retrataram variados crimes e violência; os desafortunados, os drogados, os famintos e as prostitutas; os cabarés, os cortiços e os subúrbios, nada que lembrasse a propalada alegria dos anos 1920, encarnada pelas melindrosas e almofadinhas, personagens recorrentes nas ilustrações de seus contemporâneos (Figura 5).

Nesta imagem da série de ilustrações intitulada "Na terra do Maxixe" – dança popular criada pelos negros, em moda na época – Roberto Rodrigues nos apresenta em um cenário simples e cotidiano do subúrbio "motivos sombrios e traços sensuais" (Andrade, 2012). Seus personagens são a prostituta e dois homens que lutam violentamente por ela. Estes apresentam-se em uma



elegante e intensa coreografia de luta, onde um, com expressão selvagem, consegue esfaquear o outro, já roto, com o paletó aberto e parte do peito nu à mostra. A luta caracteriza a dualidade animalésca do homem frente à figura feminina que aparece com um comportamento ausente / distraído como se nada acontecesse. Qual o motivo dessa ausência? Tem-se a impressão de que a luta e a mulher não pertencem à mesma cena, numa dissociação espacial do tema: Rodrigues nos deixa a dúvida, estamos qual um *flâneur* baudelairiano a deambular e a observar uma cena recorrente da realidade de violência nos subúrbios cariocas, ou toda a movimentação é apenas uma visão de desejos inconscientes da mulher "ausente", por algum estado alterado de consciência?

Sobre as representações das prostitutas de Roberto, escreve seu irmão Nelson:

*Através de jogos de traços, movimentos de volumes, fazia a reconstituição de organizações psíquicas internas. Ilustrou almas esquisitas: almas lívidas que olham sem gratidão as horas possuídas e esperam sem encanto as horas virgens do porvir.* (Vasconcellos, 2012)

### Conclusão

Segundo Freud (apud Lima, 2010: 29): “uma representação inconsciente é, portanto, aquela que não percebemos, mas cuja existência admitimos, com base em outros indícios e evidências”. Neste sentido, a obra de Roberto Rodrigues nos revela todo um submundo latente da sociedade contemporânea urbana brasileira, captado além das representações artísticas da cartilha social burguesa. Tal qual Marx (1818-1883) escreve em seu “Manifesto Comunista”, Roberto rompe com todo um rol de antigos preconceitos e opiniões, toda a sólida representação descritiva é dissolvida e o homem é levado a encarar, sóbrio, suas reais condições de vida.

Desta forma, Roberto Rodrigues encarna não apenas em questões estéticas o movimento Modernista de sua época, mas principalmente, em sua temática, aquilo a que Oswald de Andrade clama em seu “Manifesto Antropófago”: “A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o tédio especulativo.”



## Referências

- Andrade, Ana Luiza (2012) "Imagens em Movimento: o sangue alheio dos golpes cênicos." *Revista Litteris* [Em linha]. Ano 4, nº 10, p.19-33. [Consult. 2015-11-05]. Disponível em URL: [www.revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Nelson\\_Rodrigues\\_dossie\\_nelson\\_rodrigues\\_RL10.pdf](http://www.revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Nelson_Rodrigues_dossie_nelson_rodrigues_RL10.pdf). ISSN 19837429
- Andrade, Oswald de (1990) *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo / Secretaria de Estado da Cultura. ISBN 85-250-0854-0.
- Brito, Marcelo Gustavo da Costa (2007) *Representações do Onírico na Modernidade: ressonâncias dos discursos de Freud e Jung sobre os sonhos*. [Em linha]. Dissertação: Mestrado em Psicologia. Brasília: Universidade de Brasília. 2007. 113p. [Consult. 2015-11-05]. Disponível em URL: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2843/1/2007\\_MarceloGustavoCostadeBrito.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2843/1/2007_MarceloGustavoCostadeBrito.pdf)
- Castro, Ruy (1992) *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras. ISBN 85-7164-277-X.
- J. Carlos em Revista (s/d) [Em linha]. Programa Petrobras Cultural. [Consult. 2015-11-05]. Disponível em URL: [www.jotacarlos.org/](http://www.jotacarlos.org/)
- Lima, Gabriela Quadros de (2010) *História de Vida e Escolha Conjugal em Mulheres que Sofrem Violência Doméstica*. [Em linha]. Porto Alegre: PUCRS / Faculdade de Psicologia. 2012. 95p. Dissertação: Mestrado em Psicologia Clínica [Consult. 2015-11-05]. Disponível em URL: [www.repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4788/1/000421569-Texto%2BCompleto-0.pdf](http://www.repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4788/1/000421569-Texto%2BCompleto-0.pdf).
- Lobato, Monteiro (1917) *Paranoia ou Mystificação. O Estado de São Paulo* [Em linha] 20 Dez. 1917. [Consult. 2015-12-21]. Disponível em URL: [www.acervo.estadao.com.br](http://www.acervo.estadao.com.br). ISSN 1676-2355
- Ribeiro, Darcy (1985) *Aos Trancos e Barrancos: como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois.
- Tavares, Neila (1974) *Desenhos de Roberto Rodrigues. Cordel Urbano*. Rio de Janeiro: Ouvidor. Ano 2, nº 2.
- Trimano, Luis (2014) Roberto Rodrigues – "o elogio da cocaína", Tinta China. *Arte Gráfica* [Em linha]. [Consult. 2015-10-13]. Disponível em URL: [www.trimano.blogspot.pt/2014/06/roberto-rodrigues-o-elogio-da-cocaína.html](http://www.trimano.blogspot.pt/2014/06/roberto-rodrigues-o-elogio-da-cocaína.html)
- Vasconcellos, Luiz Paulo (2012) Roberto Rodrigues: 'o estilista do amor e da morte'. *Adoração – Nelson em Pesquisa* [Em linha]. Fevereiro de 2012. [Consult. 2015-10-31]. Disponível em URL: [www.adoracaoena.blogspot.pt/2010/11/roberto-rodrigues-o-estilista-do-amor-e.html](http://www.adoracaoena.blogspot.pt/2010/11/roberto-rodrigues-o-estilista-do-amor-e.html)